



**SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE**

PORTUGUÊS

HOMENAGEM À RENATO DI RUZZA

5 de Fevereiro de 2025

Pediram-me que falasse em nome da comunidade ergológica.

Todas as mensagens de condolências vindas dessa comunidade foram dirigidas, em primeiro lugar, à família do Renato, especialmente a Colette e Andrea. A lista de mensagens é impressionante; sente-se a tensão, a emoção envolvente. Todas evocam a qualidade singular daquele que era tão exigente e rigoroso, e, ao mesmo tempo, tão bom professor em matérias difíceis, o orientador de dissertações e teses sempre disponível e estimulante, o cidadão comprometido, firme em princípios éticos e políticos dos quais nada o poderia desviar.

Uma combinação de traços nem sempre facilmente compatíveis, mas que ele nunca deixou de assumir, com seu próprio génio, como o mostram estas mensagens tão tristes quanto elogiosas. Interoguei-me muitas vezes sobre esta compatibilidade, mas acredito que é preciso voltar à sua herança.

Apenas uma vez, ele me disse que viveu a sua infância numa família de imigrantes italianos no bairro de lata de Vitry-sur-Seine. Para mim, parisiense na época, eram condições de vida quase inimagináveis. Com que esforços, que sacrifícios, que autodisciplina incrível, este filho de imigrantes, após estudos “heróicos”, conseguiu integrar a Escola da Regulação de Grenoble, a equipa do grande Gérard de Bernis, e obter o título universitário mais árduo, a agregação em Ciências Económicas?

Por isso, tenho por ele uma estima e uma admiração que nenhum dos nossos ocasionais atritos conseguiu apagar. Renato foi um desafio vivo que nunca traiu na sua vida. Creio que essa fidelidade à sua herança explica a dupla dimensão das qualidades que manifestou na sua vida profissional.

Por um lado, a convicção profunda, por vezes rígida, de que a aquisição dos conhecimentos que legitimam o título de professor universitário pressupõe, como ele tão heroricamente experimentou, autodisciplina, rigor epistemológico e, portanto, respeito pela função docente. Para além disso, levou-o a respeitar as regras, deontologias, princípios através dos quais as instituições sociais e políticas podem validar virtudes genuinamente democráticas.

Por outro lado, a sua herança proletária imprimiu-lhe uma determinação inabalável de lutar contra a exploração, as relações de subordinação e de opressão.



**SOCIÉTÉ
INTERNATIONALE
D'ERGOLOGIE**

Por um lado, o respeito pelas normas formais igualitárias, nas universidades e fora delas, e, por outro lado, a luta para subverter todas as formas de dominação, que estavam longe de estar ausentes na universidade.

Era desta combinação paradoxal que a abordagem ergológica precisava.

Na altura, tentava-se, com grande dificuldade, institucionalizá-la no serviço público universitário, sobre bases filosóficas e epistemológicas que, no entanto, contestavam fortemente as tendências dominantes.

Foi, sem dúvida, isso que o Renato compreendeu bem quando, em 1997, queimando as suas pontes disciplinares, veio, com o seu cargo de professor em Marne-la-Vallée, juntar-se à nossa equipa, e, em 1998, criar connosco o Departamento de Ergologia na Universidade de Provence.

Era preciso então gerir este Departamento – do qual ele rapidamente se tornou diretor –, gerir os seus diplomas nacionais (DESS, Mestrado), estabelecer com bases jurídicas a Sociedade Internacional de Ergologia (em 2010), organizar os seus Congressos e a sua Revista, de modo a que ninguém tivesse nada a dizer sobre o respeito de forma. Mas, sem nunca perder de vista o facto de que esta conformidade devia ser posta ao serviço de um alargamento social dos interlocutores do saber, os trabalhadores, as organizações sindicais, todos os maltratados pelos poderes do dinheiro. Foi isso que ele soube fazer, com seu génio; a abordagem ergológica deve-lhe muito, e não tenho a certeza de que o teríamos conseguido sem ele.

É verdade que manter este estreito limite entre o respeito da forma e a subversão das dominações nunca foi um exercício fácil.

Foi, sem dúvida, fonte de deslizos para um lado ou para o outro dessa crista e, portanto, de desacordos e atritos bem conhecidos de todos, que ele apreciava. Mas eram sempre solúveis, porque na maior parte dos casos uma estima profunda e silenciosa mantinha a ligação entre nós.

Vivi isso profundamente na minha relação com ele, como o testemunham os artigos e um livro que escrevemos juntos. No fim de contas, havia no Renato uma presença singular.

Tem-se o sentimento de que ele nunca teve de suportar nada, mas que soube aproveitar ao máximo cada instante da sua vida, e soube manter-se nessa crista sem trair seus princípios. E o seu olhar negro, penetrante era como um testemunho desta constante fidelidade a si mesmo.

A sua presença é indelével. Renato ausente, é inimaginável.

Yves Schwartz